

Miguel Castro Caldas

O Homem do Pé Direito

O Homem da Picareta

LIVRINHOS DE TEATRO

MIGUEL CASTRO CALDAS nasceu em Lisboa em 1972.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Escreveu as obras de ficção *Queres Crescer e Depois Não Cabes na Banheira* (2002) e *As Sete Ilhas de Lisboa* (2004) editadas pela Ambar.

Para teatro escreveu para a companhia Primeiros Sintomas: *A Montanha Também Quem*, *O Homem do Pé Direito*, *O Homem da Picareta*, *Conto de Natal — Variações de Dickens*, ambas em 2004, *Nunca-Terra em vez de Peter Pan* (editado pelos Primeiros Sintomas) e *É Bom Boiar na Banheira*.

Nos Artistas Unidos, em 2005, participou na escrita de *Conferência de Imprensa e Outras Aldrabices* — número especial editado nesta colecção — e na versão portuguesa de *A Fábrica de Nada* de Judith Herzberg — texto editado no livrinho nº 13.



05.12.2014

© JORGE GONÇALVES



MIGUEL CASTRO CALDAS

O Homem do Pé Direito

O Homem da Picareta

Miguel Castro Caldas
16-12-05.

ARTISTAS UNIDOS
LIVROS COTOVIA

TÍTULO:
O Homem do Pé Direito / O Homem da Picareta

AUTOR:
Miguel Castro Caldas

FOTOGRAFIA:
Jorge Gonçalves

© 2005, Miguel Castro Caldas
© desta edição: Artistas Unidos / Livros Cotovia,
Novembro de 2005

APOIO:



Instituto das Artes



Instituto Português do
Livro e das Bibliotecas

Esta edição é patrocinada pelo
Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

ARTISTAS UNIDOS
R. de Campo de Ourique, 120
1250-062 Lisboa
www.artistasunidos.pt
artistasunidos@artistasunidos.pt

LIVROS COTOVIA
Rua Nova da Trindade, 24
1200-303 Lisboa
www.livroscotovia.pt
livroscotovia@mail.telepac.pt

O HOMEM DO PÉ DIREITO

O Homem do Pé Direito estreou a 1 de Outubro de 2003 na Associação Cultural *Abril em Maio*, com encenação de Bruno Bravo, interpretações de Gonçalo Amorim, Gonçalo Waddington, Peter Michael e Raquel Dias, cenário de Stéphane Alberto, figurinos de Chissangue Afonso, música de Sérgio Delgado. Uma produção Primeiros Sintomas.

PERSONAGENS

ANA

3 POETAS

(O LADRÃO, O MARIDO, O PINHEIRO CHAGAS,
O EMILE CHEYSSON, O FIALHO DE ALMEIDA
e O MONSTRO devem ser distribuídos pelos intérpretes
dos 3 POETAS, consoante competências e fisionomias)

*Quarto de uma casa pobre, com cama, sanita e, se possível,
janela para noite estrelada. A cama é desmesuradamente gran-
de, cheia de colchões, talvez com uma ervilha por baixo, que
não se vê, claro.*

UM

ANA, LADRÃO, PINHEIRO CHAGAS

Silêncio

ANA *na cama* Ó papão vai-te embora de cima desse telhado
o meu avô dizia cuidado
dizia Cuidado com o ladrão
cuidado com o ladrão que vive debaixo da cama
e depois a cadeira com o pijama
e o movimento da respiração
o movimento que a respiração me provoca no peito
o movimento que a respiração provoca no ladrão
aqui debaixo da cama ou daqui a muitos anos
o movimento da minha respiração
a caminho do emprego daqui a muitos anos
depois de ser crescida
o que ser depois de ser crescida
ser preciso arranjar emprego
ser preciso ganhar a vida
ser preciso matar o borrego
enfim, são horas de recolher as enxadas
ser preciso ser alguma coisa, enfim
são horas de recolher as enxadas.

O Ladrão surge de algum lado.

LADRÃO *baixinho* Deus te salve Silvaninha
no jardim assentada
com pente de ouro na mão
seu cabelo penteava.

ANA Ser preciso, enfim, ser alguma coisa que se diz sou isto
ou aquilo, não, aquilo não, sempre isto, sou sempre isto,
ser aquilo é deixar de ser isso e passar a ser isto
ser enfim alguma coisa que se diz:
sou isto
para que todos achem bem, enfim
ser tudo menos isto
que respira e não quer
não quer respirar
não quer não quer
respirar para quem quer
quem quer que esteja aí, no meio da escuridão
um vento, um movimento
o movimento que a respiração provoca a caminho do emprego
o vento cá dentro
a subir a rua no interior do eléctrico rumo ao Largo da Graça
topo da cidade,
resvalando por ruas que caem de penhascos para o rio,
portas de casas ao longo do passeio e de quando em quando
um portão quase sempre fechado
mas às vezes aberto — uma vila
com outras casas lá dentro
as vilas em tempos os bairros operários
e pessoas que já não são operários que lá vivem,
— quem sou eu.

O Marido chega a casa pela sanita. Vê-se apenas a sua cabeça a sair da sanita.

MARIDO Esqueceste-te outra vez de puxar o autoclismo.

ANA Não fui eu.

MARIDO Então quem foi?

ANA Não fui eu que não puxei o autoclismo.

MARIDO Mas podias ter sido tu a puxá-lo.

ANA Também não fui eu.

MARIDO Vem uma pessoa cansada de trabalhar.

Vem uma pessoa

cansada

de trabalhar

a enfiar-se no metro como se fosse uma

con-

serva

de atum,

uma

con-

versa

de sardinhas ou de anchovas,

lá se consegue a custo sair na paragem certa

encontrar o túnel certo para vir para casa,

e ainda apanho com merda na cabeça.

Eu não mereço isto.

ANA Mas eu hoje só fiz chichi.

Se calhar isso a que chamas merda é de ontem.

MARIDO Então se é de ontem e viste,
porque é que não puxaste o autoclismo?